

# Legado clássico no Renascimento e sua recepção:

contributos para a renovação  
do espaço cultural europeu

Nair de Nazaré Castro Soares,  
Cláudia Teixeira (Coords.)

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

O MUNDO COMO JARDIM: O *VIRIDARIUM* DO P. FRANCISCO DE MENDOÇA SJ, DIVERSIDADE NA UNIDADE DO SABER  
(The world as garden: the *Viridarium* by P. Francisco de Mendonça SJ, diversity and unity in knowledge)

CARLOTA MIRANDA URBANO (camirurb@fl.uc.pt)  
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra

RESUMO – Este texto apresenta a obra póstuma de um célebre orador e mestre do Colégio das Artes, o jesuíta Francisco de Mendonça, que aí ensinou no início do séc. XVII. Outro mestre do Colégio, o jesuíta Francisco Machado, compilou e organizou os escritos de Francisco Mendonça num volume a que, recorrendo à metáfora do jardim, deu o título de *Viridarium Sacrae et Profanae Eruditionis*. Espelho do conhecimento e da transmissão do saber no contexto da pedagogia dos colégios da Companhia de Jesus na sua época, esta obra oferece informações relevantes para o estudo do ensino na rede escolar jesuítica que então abrangia a Europa e os novos espaços de influência europeia, como a nova América e a velha Ásia. Longe de esgotar essas informações numa obra de grande riqueza e que requer do leitor de hoje uma leitura francamente interdisciplinar, este texto detém-se nos aspetos da estrutura do volume que se prendem com uma conceção do saber como unidade e naquelo outros que são reveladores da circulação dos saberes e dos avanços científicos na Europa, num momento em que essa unidade está à beira da fragmentação e se dão os primeiros passos na autonomização do discurso científico.

PALAVRAS-CHAVE – Humanismo, Companhia de Jesus, ensino, Colégio das Artes, Francisco Mendonça.

ABSTRACT – This paper presents the posthumous work of a famous orator and professor at the *Colégio das Artes*, the Jesuit Francisco de Mendonça, who taught there in the beginning of the 17th century. Another teacher of that College, the Jesuit Francisco Machado, compiled and organized his writings within a volume which he named, using the metaphor of the garden, *Viridarium Sacrae et Profanae eruditionis*. Mirror of the knowledge and of the transmission of knowledge within the pedagogical context of the colleges ruled by the Society of Jesus at that time, this work provides relevant information for the study of education in the Jesuit school system, which was then extended to all Europe and to the new areas of European influence, as the new America and the ancient Asia. Far from giving an exhaustive reading of the information contained in that work, given its great richness (and the fact that it requires today a truly interdisciplinary reading), this paper is only focused on the aspects of the volume structure which relate to the conception of knowledge as *unity*, on one hand, and, on the other, on those that give us account of the circulation of knowledge and of the scientific progress in Europe precisely on a moment when that unity of knowledge was near to fragmentation and the first steps were given towards an autonomy of the scientific discourse.

KEYWORDS – Humanism, Society of Jesus, education, Colégio das Artes, Francisco Mendonça.

*Viridarium sacrae ac profanae eruditionis*<sup>1</sup>/ Jardim de erudição sagrada e profana, é o título da obra que tomamos como *corpus* para esta reflexão no contexto do tema que dá título a este livro, *Legado Clássico no Renascimento e sua recepção: contributos para a renovação do espaço cultural europeu*.

Publicada depois da morte do seu autor, o Padre Francisco de Mendouça, que já em vida tinha fama de grande orador, esta obra viria a ser aquela por meio da qual mais se notabilizaria o jesuíta. Francisco de Mendouça, que dedicou parte da sua vida ao magistério, foi mestre de Retórica em Lisboa, de Filosofia em Coimbra e de Sagrada Escritura em Évora, reitor dos colégios de Coimbra e de Évora e morreu intempestivamente em Lyon de França, quando regressava de Roma até onde viajara como Procurador da Província Portuguesa na Congregação Geral.

Por economia de texto não nos detemos em mais aspetos biográficos, já tratados noutras ocasiões<sup>2</sup>, mas não podemos deixar de assinalar esta circunstância da morte algo inesperada em 1626. Consciente do valor da obra impressa e dos méritos do Padre Mendouça, a Companhia de Jesus encarregou de imediato um dos seus membros de coligir e editar a obra inédita do prestigiado mestre. Coube a tarefa ao Padre Francisco Machado, discípulo de Mendouça, também orador de prestígio, que mereceria o encargo de proferir na Universidade a Oração de Sapiência do ano de 1629, e veria publicados, além de poesia, dois discursos latinos e um sermão em português.<sup>3</sup> Outros discípulos de Mendouça, como Bartolomeu Pereira e Francisco de St<sup>o</sup> Agostinho de Macedo, seriam famosos entre os contemporâneos e, segundo o bibliógrafo António Franco, o Padre António Vieira, sem que tivesse sido seu aluno, afirmava ter aprendido muito “com os escritos e sermões do Padre Mendouça”.<sup>4</sup> Na verdade, ao seu tempo, o reconhecimento do seu mérito ia para os dotes oratórios. Na sua obra *Retórica e Teorização Literária em Portugal*, Aníbal Pinto Castro, além de comentar o seu pensamento retórico presente no livro VII do *Viridarium (De Floribus Rhetoricae)*, refere-se várias vezes ao apreço que por ele tinham contemporâneos e sucessores e ainda à sua ‘fama’ como inventor dos chamados ‘conceitos predicáveis’.<sup>5</sup>

Francisco Machado não demorou muito a realizar a tarefa, reunindo trabalhos vários do Padre Mendouça, desde os discursos e sermões latinos proferidos em diferentes circunstâncias da vida académica, ao pequeno tratado de retórica, passando pelos poemas de vários metros ou pelos *problemata* e

---

<sup>1</sup> Mendouça 1631.

<sup>2</sup> Urbano 2013.

<sup>3</sup> Urbano 2001: 18-21.

<sup>4</sup> Franco 1717-19: 491: “O Mestre dos Pregadores o admirável Padre António Vieira da nossa Companhia confessava, que o seu Mestre na predica foram os sermoens & escritos do Padre Francisco de Mendouça.”

<sup>5</sup> Castro 2008: 70-73.

*quaestiones* apresentados segundo uma forma de argumentação dialética e que estariam seguramente associados ao magistério de Francisco de Mendonça. Junta-lhes, além disso, uma extensa coleção de poemas de outros membros da Companhia de Jesus dos colégios de Lisboa, Coimbra e Évora, sob a designação de ‘homenagem póstuma’ e cujo tema é invariavelmente a perda do mestre e as suas elevadas qualidades. Em 1628 o *Viridarium* dispunha já das licenças de publicação e veio a lume em 1631 em Lyon. Depois desta edição seguiram-se várias, entre Lyon e Colónia até ao séc. XVIII, sendo a última de que tenho conhecimento em 1733, documentando assim uma recepção afortunada e um interesse que se prolongou durante pelo menos um século.<sup>6</sup>

Pelo seu carácter abrangente e erudito, o *Viridarium* constituía uma obra de interesse para muitos, desde o pregador, ao homem de governo da Igreja, passando pelo médico. Assim, encontramos citações do *Viridarium* numa obra de medicina do séc. XVIII, a que mais adiante me refiro, encontramos-lo no Inventário dos bens do Bispo de Pernambuco, D. Tomás da Encarnação Costa e Lima (1784),<sup>7</sup> ou na biblioteca de um académico inglês como Robert Burton, autor da obra célebre *The anatomy of melancholy* (1631)<sup>8</sup> ou até mesmo referido numa carta de um católico da corte de Carlos I de Inglaterra, casado com a católica Francesa Henriqueta Maria, como objeto de suspeita de heterodoxia. Refiro-me a uma carta datada de 1633 (dois anos após a primeira edição do *Viridarium*) em que John Southcot exprime esses mesmos receios em carta dirigida a Peter Biddulph. A sua preocupação prende-se com o escândalo que provoca entre os seus ‘heréticos’, entenda-se os protestantes do seu meio, a afirmação de Mendonça segundo a qual a autoridade de Cristo e da Virgem Maria se equivalem, e têm ambas o mesmo poder intercessor diante de Deus. Se o destinatário da carta confirmar estas afirmações, pede-lhe John Southcott que o denuncie à Inquisição, pois tal ideia soaria a blasfémia.<sup>9</sup>

---

<sup>6</sup> Francisco Machado também se encarregaria de editar o terceiro volume do *Comentário ao livro dos reis*, (Mendonça publicara em vida o primeiro e o segundo) e uma coleção dos seus sermões em dois volumes. Cfr. o prólogo da segunda parte dos sermões do P. Mendonça na edição de 1649.

<sup>7</sup> Verri, 2006: 151. Neste inventário existe a edição do *Viridarium* de 1632 avaliada em \$500.

<sup>8</sup> Hidalgo: 83. <http://sederi.org/docs/yearbooks/11/11%207.Saez.pdf> último acesso em 19-03-2015.

<sup>9</sup> Cfr. a carta de John Southcot a Peter Biddulph (14 de junho de 1633): “Amongst other faculties reserved to the bishop lett one be that (no) bookes be printed in English without hies leave, for in this there is a great abuse, and much trouble and scandal comes to us for want of good order herein. I saw an advertisement given to a friend of mine lately touching a book of one Franciscus Mendonza Societatis Iesu doctor theologus. The little book is *Viridarium Sacrae et Profane Eruditionis*. He hath this question: *utrum nobis utilius sit Jesu nomen sanctissimum implorare an nomen Mariae*, and therein hath these words: *admitto virginem et Christum aequali fere apud Deum auctoritate valituros*; and again, *dicere possem Christi et virginis intercessionem aequalis fere momenti esse apud Deum*. I pray you look into the book, and

Num interessante estudo, Arnaldo do Espírito-Santo<sup>10</sup> fez recentemente uma apresentação desta obra que no seu título designa como ‘injustamente esquecida’. Para além de desbravar ao leitor de hoje as páginas que a introduzem, a dedicatória e o prólogo, apresenta ainda os quatro primeiros livros e explora a sua essência metafórica, quer ao nível da arquitetura quer do pormenor, interpretando agudamente a obra no contexto da estética barroca.

Para cumprir o título deste estudo, porém, não podemos deixar de voltar a esta metáfora tão recorrente no seu tempo. A valorização do jardim na produção literária da Companhia de Jesus articula-se certamente, quer com a importância da imagem e da imaginação na pedagogia espiritual inaciana, quer com a valorização da imagem no contexto da piedade católica em geral, que afirmava a sua ortodoxia face à iconoclastia protestante. Frequentemente, na produção literária da Companhia de Jesus somos convidados pela descrição a contemplar uma imagem ou a imaginá-la, fazendo a chamada ‘composição de lugar’, sempre no pressuposto da eficácia espiritual e catequética do ícone.

Quer a imagem do jardim, como espaço organizado pelo homem, quer a imagem da natureza na sua espontaneidade, foram usadas como metáforas na produção literária jesuítica, ora como representação no domínio da espiritualidade, ora no domínio da organização dos saberes, as duas dimensões em que a Companhia de Jesus tanto investia, procurando que os seus membros fossem igualmente sábios e virtuosos (*probos simul ac doctos*), num entendimento integral da educação humana apoiada no binómio *virtus et litterae*.<sup>11</sup>

Na obra que agora nos ocupa, o editor, o Padre Francisco Machado, continuando uma tradição ‘jesuítica’ que explora o poder educativo do discurso simbólico, apropria-se da metáfora do jardim como forma de interpretação do mundo que, à altura, era uma obra perfeita, organizada, coerente: a criação, que só podia revelar e espelhar a perfeição, ordem e beleza do Criador. À unidade e coerência da criação correspondia uma unidade fundamental dos vários saberes que neste livro se organizam em ‘canteiros de várias flores’. Assim, o título desta obra, cuja folha de rosto completamente preenchida por uma gravura sugere um jardim da Renascença, antecipa diante do leitor uma espécie de mapa conceptual que organiza em ‘canteiros’ ou grupos de *flores* as várias matérias do livro/jardim.

Os três primeiros têm por título comum *Flores sacri*. Segue-se o livro IV, *Flores Philosophiae*, o livro V *Flores Varii*, o livro VI *Flores Eloquentiae*, o livro VII *Flores Rhetoricae*, o livro VIII *Flores Humaniorum Literarum* e, finalmente, o livro IX *Flores Poetici*.

---

if you find these propositions there you may do well to putt them up to the Inquisition, for here our heretiques are much scandalized with them, and indeed not without reason for they sound blasphemously.” Questirt 2005: 186.

<sup>10</sup> Espírito-Santo 2013: 11-24.

<sup>11</sup> Miranda 2011: 473-490.

Vale a pena desfrutar da beleza da gravura e explorar o seu significado pois com a sua imagem não se pretende apenas ornamentar o volume. Esta que aqui apresentamos é o frontispício da edição de 1632, de um exemplar em ótimo estado de conservação que existe (entre outros de outras edições) na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra e que pertenceu ao Real Colégio de S. Pedro desta cidade.

O retrato do Padre Francisco de Mendonça surge na base, emoldurado. A pena e o livro, símbolo do magistério, e a açucena, símbolo da castidade, completam a caracterização do autor. Uma citação de Virgílio (retirada dos funerais de Palante, na *Eneida*) *Nec dum sua forma recessit*, 'não o abandonou a sua beleza' (*Eneida*, 11, 70) alude à morte do jesuíta e à pervivência da sua beleza (nas flores da sua obra). Dois medalhões, como óculos abertos para o interior do jardim, ladeiam o retrato.

No óculo do lado esquerdo podemos ver uma árvore ao centro: a imagem do homem sensato que põe o seu enlevo na lei de Deus, como árvore plantada nas margens do rio, que dá fruto a seu tempo e cujas folhas não murcham. A identificação completa-se com a legenda retirada do salmo 1: *Folium eius non defluet* (A sua folhagem não murchará). Do lado oposto, outra árvore (a árvore do Éden?) de onde brota uma torrente, encimada pela inscrição tirada do salmo 36: *torrente voluptatis*, a torrente das delícias de onde Deus dá a beber aos filhos dos homens.

No centro do frontispício, duas figuras femininas num jogo de movimento: A erudição sagrada, do lado esquerdo, de cabeça coroada, olha modestamente para o chão. Do lado direito, de costas para o leitor mas de cabeça voltada e olhando para ele, a erudição profana, de cabeça descoberta. As duas figuras sustentam uma faixa com a legenda *Vtraque manu* 'pela mão de ambas' assinalando a concórdia e o entendimento pleno entre a erudição sagrada e a erudição profana. A mesma gravura remete-nos para Virgílio (*Eneida* 5), num passo que se refere à vitória de Entello sobre Dares na prova de pugilato dos jogos fúnebres em honra de Anquises.<sup>12</sup>

No cimo do frontispício, à entrada do jardim, mesmo ao centro da porta por trás da qual se vislumbra um caminho ladeado de árvores, vemos um anjo, um guarda que segura uma espada de fogo. A inscrição que o identifica parafraseia a écloga 7 de Virgílio: *Custos diuitis horti* (guarda do fértil jardim),<sup>13</sup> mas o leitor coevo percebe de imediato a identificação com os guardas do Éden, experimentando a tal aliança entre sabedoria sagrada e profana, tema da obra. Com uma espada de fogo na mão direita, o anjo evoca os querubins que, no livro

<sup>12</sup> *Creber utraque manu pulsat versatque Dareta*, *Aen.*, 5, 460.

<sup>13</sup> A inscrição ganha expressividade por contrastar com o passo de Virgílio: *Custos pauperis horti* (guarda do pobre jardim), *Buc.* 7, 34.

do Génesis, Deus colocara a oriente do Éden para guardar o caminho da árvore da vida, depois da expulsão do homem do paraíso, onde o colocara. Também eles têm na mão uma espada flamejante (Gen3, 23).

Mais duas inscrições ainda ilustram a aliança entre os dois saberes. Do lado esquerdo do anjo, sobre a perfeição de uma roseira que ostenta uma flor no centro, a inscrição *labia dolosa* do salmo 30, os ‘lábios mentirosos que serão silenciados’, e do lado direito, sobre um tufo de flores várias onde três aranhas teceram uma teia, a inscrição *noluit intelligere ut bene ageret* ‘[o homem que] não quis discernir/compreender para fazer o bem’ (Slm 36: 3, 35). A apresentação simétrica destas inscrições e gravuras assinala a importância e o valor moral do conhecimento e da erudição na busca da verdade. Imagem do Éden, da criação ou ainda imagem da alma, o jardim representa metaforicamente a leitura desse mundo universal, ou à escala humana, em que sagrado e profano não se debatem mas surgem (re)concluídos, como as duas figuras alegóricas, não sem que o leitor possa ler nesta representação a superioridade da *eruditio sacra*, em relação à *eruditio profana*.

Nesta gravura, espelho dessa aliança entre sagrado e profano, podemos ler simbolicamente representado o esforço pedagógico da Companhia de Jesus, empenhada na formação integral dos seus membros e dos que lhe eram confiados, aliando o binómio *virtus et litterae*, numa síntese dos três legados fundamentais do humanismo (helénico, romano e judaico-cristão) síntese que na Companhia encontra a mais alta expressão na *Ratio Studiorum*.<sup>14</sup>

Além de espelhar aquela síntese, o *Viridarium* é uma obra que revela o carácter interdisciplinar da formação jesuítica que adequa ao séc. XVI o ideal humanista de Cícero, combinando estudos científicos e humanísticos, procurando dotar os seus alunos não só de uma boa formação retórica no domínio do pensamento e da sua expressão, como de bons conhecimentos nos domínios da história, da astronomia, da matemática, da física, etc...

Interdisciplinar nos seus conteúdos, pois, o *Viridarium* reclama também ao leitor de hoje uma abordagem interdisciplinar, dada a sua natureza verdadeiramente enciclopédica. O Livro IV, *Das flores da Filosofia*, é particularmente revelador da necessidade imperiosa daquela abordagem. Nele são tratadas *quaestiones* que hoje, depois da autonomização das várias ciências e do discurso científico, classificaríamos em áreas disciplinares como a física, astronomia, anatomia, medicina, antropologia, geologia, psicologia, etc... que antes da fragmentação do saber se reuniam sob uma só, a Filosofia.

Estes *problemata*, como são designados no corpo do texto, são muito provavelmente resultantes do magistério de Francisco de Mendonça no Colégio das

---

<sup>14</sup> Miranda 2009: 36.

Artes em Coimbra, onde ensinou Filosofia no ano de 1604.<sup>15</sup> São tempos pouco simples, estes. Passara um século sobre o ‘descobrimento do Brasil’. Aquele mundo-criação, reflexo da perfeição divina, mostrava-se finalmente completo, mas com muitas interrogações. As viagens de portugueses e espanhóis que deram novos mundos ao mundo revelavam realidades completamente novas que era preciso organizar, compreender e arrumar no conhecimento do mundo e do homem, com todas as suas implicações religiosas, morais, filosóficas, jurídicas, etc... Simultaneamente, os avanços técnicos, a própria experiência da navegação e o contacto com outras culturas e outros saberes preparavam a autonomização das ciências e uma nova visão do mundo e do homem.

Assentes numa tradição que transmitia uma doutrina organizada e coerente, estes *problemata* eram na verdade sínteses em que o professor apresentava uma questão, as diferentes teses que lhe respondiam, remetendo para as fontes, com os respetivos argumentos e contra-argumentos, não deixando porém de incluir nessa transmissão a refutação das teses que se opunham àquele património doutrinal e que resultavam de avanços científicos e epistemológicos da época. Embora a base do edifício assentasse nas autoridades antigas quer pagãs (com destaque para o saber aristotélico), quer cristãs, não se tratava da transmissão de um saber estático, mas um saber que dentro dos seus limites procurava adequar-se às novidades de um mundo em revelação.

Por exemplo, o livro IV, *De Floribus Philosophiae*, abre com um *problema* que debate qual a posição, entre o estar sentado ou de pé, é a mais digna do homem. Quando apresenta os argumentos para defender que é mais digna a posição de ‘sentado’, Francisco Mendonça usa o exemplo dos japoneses, entre os quais representa grande injúria conversar com alguém de pé. O que importa aqui registar é o facto de Mendonça recorrer na sua argumentação a um costume de uma cultura ‘nova’, ou recentemente conhecida pelos europeus, fazendo uso do que conhece de um mundo alargado, cujos dados agora são integrados, e não simplesmente ignorados pelo facto de serem diferentes do já ‘conhecido’.

Num outro problema que tive ocasião de ver mais em pormenor, e que hoje nos remeteria para o domínio da antropologia, Mendonça debate a verdadeira natureza humana dos pigmeus.<sup>16</sup> Serão os pigmeus ‘*veri homines*’? No séc. XVII o termo pigmeu, não está ainda associado a determinadas grupos étnicos marcados pela sua estatura extraordinariamente pequena, mas tão só ao povo lendário referido por Homero na *Iliada* (e mais tarde por outros), ou então ao que vulgarmente designamos por *anão*. Mendonça não faz qualquer associação explícita do termo a povos nativos das novas terras descobertas, no entanto,

---

<sup>15</sup> Como informa o *Catalogo dos Professores de Philosophia no Collegio da Companhia de Jesus de Coimbra desde ano de 1555. E no de Euora*. Códice 993 da BGU fl 477-478 v.

<sup>16</sup> Urbano, C. M. 2011: 57-65.



no seu pensamento, e no do seu aluno ou leitor não deixaria de estar presente essa associação deste povo fantástico aos povos dos novos mundos que pela sua diferença física, muitas vezes acentuada pela fantasia, chocavam o europeu. Um outro autor que cita precisamente o *Viridarium*, Francisco Henriquez, na sua obra *Medicina Lusitana* (1710), refere os testemunhos de Argensola que os viu junto das Molucas; Jovio para além do Japão, ou o Padre Ruyz que viu nas Índias ‘uma provincia de gente anam’.<sup>17</sup> Sem fazer tal associação explícita, mas provavelmente tendo-a presente, o Padre Mendonça assenta os alicerces da discussão largamente debatida durante o séc. XVII, sobre a natureza humana do índio e do africano. Apoiando-se em Aristóteles e S. Tomás, Mendonça aponta dois argumentos para a defesa da natureza humana dos pigmeus, a saber: a qualidade humana não é determinada pela quantidade mas pela qualidade, não pelo tamanho do corpo mas pela presença da alma racional nesse corpo, e esta pode estar num corpo mesmo que ele não exceda o tamanho de uma abelha (usando o seu texto). Outro argumento é o facto de os pigmeus terem ‘discurso e razão’. Que *problema* melhor que este para ilustrar o contributo do magistério de Francisco Mendonça na construção do sentido universal do humano?

Alguns dos *problemata* do livro quarto inscrever-se-iam hoje na física, na geologia, ou na astrologia. Convoco aqui mais uns dois ou três exemplos que são ilustrativos de como os mestres jesuítas estavam a par das correntes científicas contemporâneas e as convocavam às suas lições mesmo que para as refutar. Em questões como ‘*Será que a Lua recebe toda a sua luz emprestada do Sol? Será que o centro de gravidade é um só com o centro do Universo?*’ Ou, ‘*Poderá a terra inteira deslocar-se naturalmente com o movimento de trepidação?*’, encontramos as referências não só às autoridades clássicas estabelecidas, com preferência para Aristóteles, e às Sagradas Escrituras, como autoridade divina, como ainda a nomes do início da modernidade, sejam eles ou não filiados na tradição aristotélica. Assim, encontramos referidas as obras de Nicolau Copérnico, Célio Calcagnino, Diego Zuñiga, são conhecidos e referidos os avanços técnicos e científicos de Tycho Brahe, os trabalhos dos jesuítas Gabriel Vasquez e de Cristóvão Clávio (o ‘Euclides do séc. XVI’), e claro, os dos seus colegas *conimbricenses*, Bento Pereira e Francisco Suarez. Pela pequena amostra podemos verificar que Francisco Mendonça e o ensino que ministrava, embora assente numa tradição estabelecida, fundamentalmente na tradução e comentário de Aristóteles, tinha acesso ao saber e à produção científica que circulava pelos vários colégios da Companhia espalhados pela Europa e não só, quer graças à itinerância de mestres (Mendonça é exemplo disso mesmo, mas também Clávio, que foi professor de Matemática no Colégio das Artes em Coimbra) quer graças à circulação de livros, e portanto não se encontrava de todo alheio às novidades, ainda que resistindo a elas.

---

<sup>17</sup> Henriquez, 1710: 54-55.

Um outro *problema*, ainda, mostra-nos como Mendonça, embora defendendo as teses mais tradicionais, confere grande valor à evidência da experiência e não se inibe de avançar com hipóteses de algum modo arrojadas, como faz no problema 47 do *De Floribus Philosophiae*. A interrogação deste problema é a seguinte: *Será que o ar é de algum modo navegável?* Isto é, será possível voar? Qualquer menino responde sem hesitação\_ diz o mestre\_ afirmando que não é possível. E o mestre acrescenta: se fosse possível navegar no ar, já há muito os homens teriam resolvido o problema da navegação no mar quando as condições são adversas... e desenvolve depois a possibilidade de argumentar uma resposta afirmativa à questão. Com base na autoridade de Alberto de Saxónia argumenta: Se o fogo é mais leve que o ar, o ar, quando contíguo ao fogo, é navegável. Do mesmo modo que a água é navegável quando contígua ao ar. E prossegue:

Nesta parte estou de acordo com ele e digo que se uma nave fosse colocada sobre uma superfície de ar convexa, podia manter-se no ar e ser impelida por remos, a não ser que algo lhe oferecesse obstáculo. Disto me convenço, movido pela experiência em que observamos que coisas por sua natureza mais pesadas que a água, mas cheias de ar, flutuam na água; porém, se de outro modo, não estiverem repletas de ar, facilmente submergem. (...) <sup>18</sup>

Desta mesma experiência tiro este argumento: um vaso de bronze, cheio de ar, que de outro modo submergia, mantém-se ao cimo da água, embora seja naturalmente muito mais pesado do que ela: portanto, uma nave de madeira, ou de qualquer outro material, colocada na superfície do ar, repleta de fogo elementar, sustentar-se-á no ar, e não mergulha no ar, por assim dizer, enquanto o peso da nave não superar a leveza do fogo de que se encontra repleta. <sup>19</sup>

Na verdade, cerca de 100 anos mais tarde, em 1710, esta tese viria a ser comprovada pela experiência de um outro jesuíta, Bartolomeu de Gusmão, quando diante da corte portuguesa fez erguer-se no ar um balão de ar quente.

Estes são alguns dos *problemata* tratados no conjunto das ‘flores da filosofia’. Mas o *Viridarium* é uma obra mais abrangente. Nele encontramos, para além das sintéticas *quaestiones* ou *problemata*, muitas composições poéticas, comentários

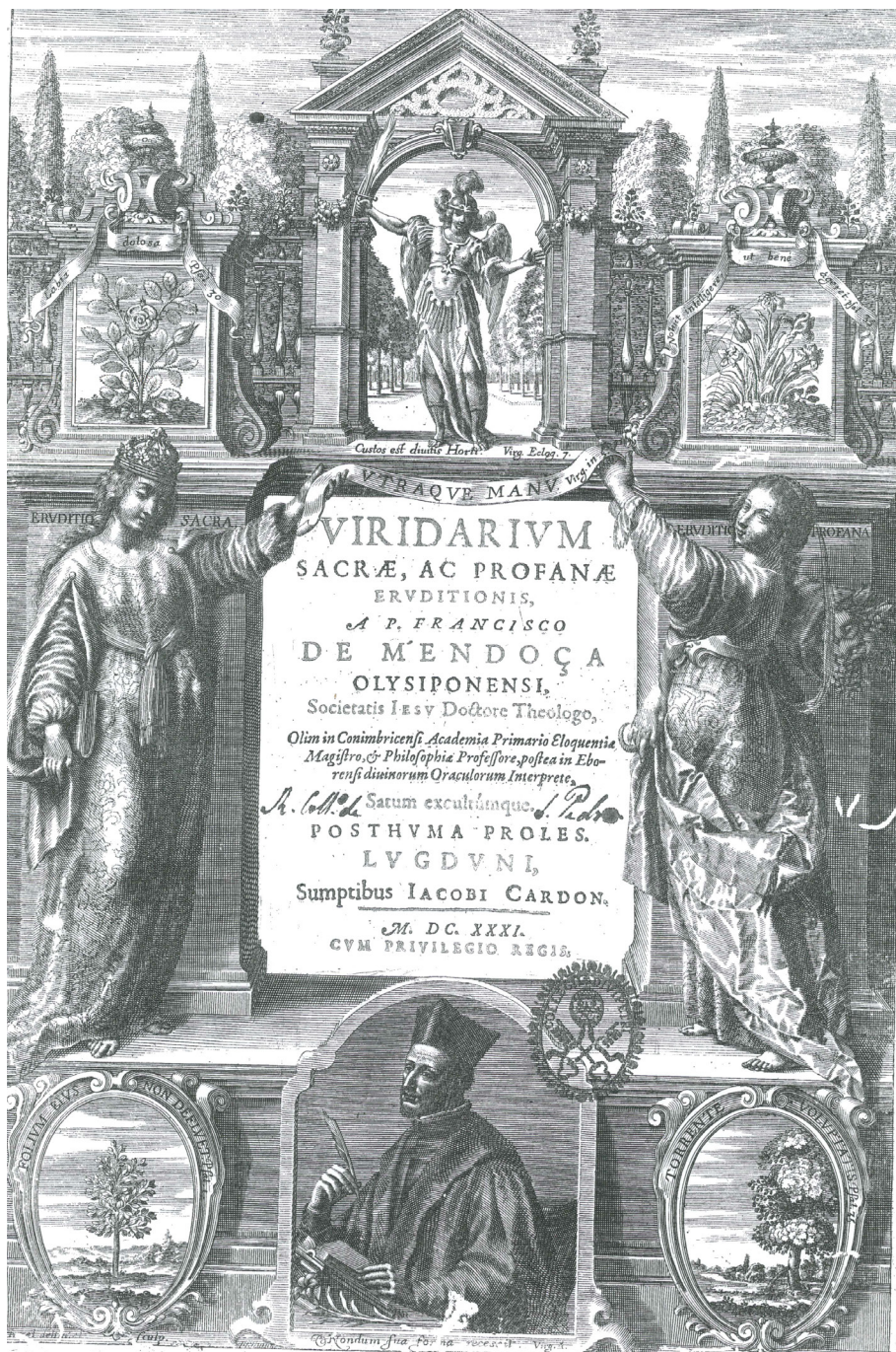
---

<sup>18</sup> *In illius gratiam hanc partem probro, dicoque, si qua nauis supra conuexam aeris superficiem poneretur, sustinendam in ipso aere, et impello remis, nisi aliud obstaret, posse. Vt hoc persuadem cogit experientia, qua videmus res natura sua grauiores aqua, aere tamen plenas aquae innatare; quae alioqui non repletae aere facile demerguntur.* Mendonça 1631: 117-118.

<sup>19</sup> *Ex hac igitur experientia huiusmodi argumentum conficio. Vas aereum, plenum aere, aliter demergendum, in summa aqua sustentatur, cum ea sit naturaliter multo grauius: ergo nauis lignea, aut cuiuscumque alterius materiae in summa aeris superficie constituta, et elementari igne repleta, supra aerem sustinebitur, nec prius in ipso aere submergetur, quam nauigiū grauitas superet leuitatem ignis, quo plenum est.* Mendonça 1631: 118.

exegéticos, discursos latinos...que espelham a variedade da vida literária, acadêmica e mesmo de piedade, dos colégios da Companhia de Jesus.

O *Viridarium* é uma obra riquíssima que documenta o tipo de formação enciclopédica e multidisciplinar na diversidade dos saberes transmitidos, dessa instituição de ensino, tal como era então a Companhia de Jesus. Nos seus colégios, nas suas missões apostólicas e educativas, a Companhia, de natureza transnacional, não só viveu de uma Europa sem fronteiras, em que os seus membros circulavam consoante as necessidades apostólicas, como viveu para uma Europa sem fronteiras, ou para um mundo sem fronteiras, pois esse mundo era o objeto da sua missão universalizante. E nessa missão, por meio do seu múnus educativo dedicado à formação integral do humano, em todas as suas dimensões, a Companhia de Jesus contribuiu sem dúvida para uma compreensão do sentido universal do humano.



Folha de rosto do *Viridarium sacrae et profanae eruditionis*, exemplar pertencente à Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

## BIBLIOGRAFIA

- Castro, Aníbal Pinto de (2008), *Retórica e Teorização Literária em Portugal, do Humanismo ao Renascimento*. INCM.
- Espírito-Santo, Arnaldo, (2013) “O Viridarium de F. Mendoça, uma obra injustamente esquecida”, in Gonçalves, M.F, e Banza, A., P., (Coord.) Biblioteca Estudos & Colóquios, série e-books n. 1, *Património textual e humanidades digitais, da antiga à nova filologia*, 11-24.
- Henriquez, Francisco da Fonseca, (1710) *Medicina Lusitana e Socorro Delphico aos clamores da Natureza Humana para total profligação de seus males*. Amsterdão.
- Hidalgo, Ana Sáez, *The spanish connection of The anatomy of melancholy*. University of Valladolid. <http://sederi.org/docs/yearbooks/11/11%207.Saez.pdf>
- Mendoça, Francisco (1631) *Viridarium sacrae ac profanae eruditionis*, Lugduni.
- Miranda, M. (2011), “A *ratio studiorum* e o desenvolvimento de uma cultura escolar na Europa Moderna” *Humanitas* 63: 473-490.
- Miranda, M., (2009) *Código Pedagógico dos Jesuítas*. *Ratio Studiorum da Companhia de Jesus [1559]*, Nota Prévia, Introdução, versão portuguesa e notas. Esfera do Caos.
- Questirt, Michael C., ed. (2005), *Newsletters from the Caroline court, 1631-1638. Catholicism and the politics of the Personal Rule*. Camden fifth series, volume 26. University of Cambridge.
- Urbano, C. M. (2011), “Serão os pigmeus homens verdadeiros? Uma questão entre a antropologia e a medicina, no *Viridarium* do Padre Francisco Mendoça SJ” *BEC*: 56 57-65.
- Urbano, C. M. (2013), “As aulas e os problemas de filosofia natural do P. Francisco de Mendoça SJ” *Humanitas* 65: 201-214.
- Verri, Gilda Maria (2006) *Tinta sobre papel: Livros e leituras em Pernambuco no séc. XVIII*, vol. I. UFPE.